

JOVENS LEITORES NA ESCOLA: fatores relacionados ao hábito de leitura no Ensino Médio

YOUNG READERS AT SCHOOL:
factors related to high school students' reading habits

Irapuan Peixoto Lima Filho¹
Harlon Romariz Rabelo Santos²

Resumo: O artigo traz resultados de uma pesquisa quantitativa sobre jovens estudantes do Ensino Médio do estado do Ceará a partir dos hábitos de leitura de livros e textos não didáticos. Foram aplicados 1.313 questionários entre o segundo semestre de 2017 e o primeiro de 2018, em 35 escolas públicas e privadas, distribuídas em 9 municípios. Percebeu-se a existência expressiva de leitores no seio escolar e se construiu um perfil do que chamamos de “cultura da leitura”: frequentar bibliotecas e associar outros tipos de leituras (como histórias em quadrinhos e *mangás*). Procuramos entender quais fatores estão associados ao hábito da leitura dos jovens através de medidas de associação e regressão logística multivariada, com resultados que apontam que o hábito de leitura está relacionado com práticas e interesses do mundo da cultura e política em geral, e não necessariamente como um resultado das condições socioeconômicas. Assim, indicadores como renda, escolaridade da mãe e raça impactam menos na construção dos hábitos de leitura do que outros como interesse em política, apreço por música estrangeira, tipo de afiliação religiosa, ou ser do sexo feminino; ainda que outros aspectos estruturais tenham efeito.

Palavras-chave: Juventude; Ensino Médio; Hábitos de leitura; Escola; Capital cultural.

Abstract: The article brings the results of a quantitative research on young high school students in the state of Ceará, based on the habits of reading books and non-didactic texts. 1,313 questionnaires were applied between the second semester of 2017 and the first semester of 2018 in 35 public or private schools, distributed in 9 municipalities. The expressive existence of readers within schools was perceived and a profile of what we call “reading culture” was built: attending libraries and associating other types of reading (such as comic books and manga). We tried to understand which factors are associated with the reading habit of young people through association measures and multivariate logistic regression, with results that show that the reading habit is related to practices and interests in the world of culture and politics in general, and not necessarily to a result of socioeconomic conditions. Thus, indicators such as family income, mother's level of education and race have less impact on the construction of reading habits than others such as interest in politics, appreciation for foreign music, type of religious affiliation, or being female, even if structural aspects have their effect.

Keywords: Youth; High school; Reading habits; School; Cultural capital.

¹Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), pesquisador do Laboratório de Estudos em Política, Educação e Cidade (LEPEC/UFC). E-mail: irapuan.peixoto@ufc.br

²Doutor em Sociologia (UFRGS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: harlon.romariz@gmail.com

1 Introdução

Este trabalho apresenta resultados sobre fatores associados à produção do hábito de leitura entre jovens do Ensino Médio, a partir de uma investigação mais ampla sobre sociabilidades juvenis no espaço escolar. Perguntou-se sobre como associam-se características socioeconômicas, culturais e familiares com as práticas de leitura e experiências juvenis na escola e no mundo da cultura em geral.

Ao tomar a escola como um espaço social complexo que envolve trocas, disputas e sociabilidades distintas, torna-se possível pensá-la enquanto um espaço de interação entre os atores pertencentes desse universo, em suas interações sociais, tanto dentro desse espaço, quanto com o mundo não escolar, o que permite a relação da vivência do cotidiano escolar com processos outros e suas estruturas sociais.

O cotidiano escolar também não se resume às aulas, que marcam sua mais forte caracterização. Entre aulas longas e intervalos curtos, os jovens estudantes desenvolvem estratégias para mobilizar uma série de dinâmicas muito próprias, relacionadas à sociabilidade, à formação de grupos, trocas reais e simbólicas e consumos de bens culturais. Muito pouco dessas dinâmicas estão relacionadas ao conteúdo das aulas ou aos currículos manejados nas salas de aula, mas ainda assim, constituem em parte fundamental do “chão da escola”, da vida “real” que transcorre nos corredores das instituições educacionais.

A pesquisa aqui apresentada surge orientada por observações diretas desse cotidiano escolar de estudantes do Ensino Médio no estado do Ceará, no Nordeste brasileiro. Embora o escopo desta investigação fosse mais amplo, pertinente à sociabilidade juvenil, os resultados aqui apresentados trazem interessantes elementos relacionados ao hábito da leitura. As observações e análises permitiram refletir sobre a presença da leitura entre a juventude escolar e sobre a interação existente entre o universo escrito e outras práticas culturais, experiências e interesses que ultrapassam o contexto escolar e os condicionantes de origem familiar.

2 Sociabilidades e a leitura entre jovens no contexto escolar

Primeiramente, é importante salientar que a investigação parte da orientação da escola como um espaço de sociabilidades. Assim, entende-se a escola como um espaço social povoado por vários atores sociais distintos (professores, alunos, gestão, funcionários, colaboradores eventuais, pais ou responsáveis, comunidade do entorno etc.), cada qual com interesses e papéis específicos dentro das relações sociais construídas naquele ambiente, não raro, gerando conflitos. Cada um daqueles grupos de atores pode ser, também, subdividido em classificações outras, como os estudantes em novatos ou veteranos, por suas distribuições em turmas ou turnos, bem como às classificações identitárias que possam vir a construir no cotidiano escolar.

Afinal, ao pensarmos os estudantes na escola precisamos considerar não somente o “aluno” assistindo aulas, mas as vivências juvenis que desenvolvem no manejo de suas diversas identidades, como pensadas por Dayrell e Carrano (2014), o que inclui filiações políticas, expressões de gênero, identificações raciais e outras construídas a partir do consumo de bens culturais. Essas associações possibilitam a formação de agrupamentos identitários pelos quais os jovens se associam enquanto passam os anos escolares (Lima Filho, 2014, 2020), formas de sociabilidade que irão convergir com as outras possibilitadas nas distribuições de turmas, turnos etc.

A investigação em escolas nos permitiu identificar diversos agrupamentos identitários, com associações únicas variando de uma instituição para outra, como roqueiros, *geeks* e leitores ávidos. Ao acionar o conceito de sociabilidades, portanto, a investigação propõe-se a uma análise das interações entre jovens na escola, que estruturam (dentre outros) agrupamentos em torno do compartilhamento de informações e trocas a partir do universo literário.

O debate sociológico que busca explicar e compreender as práticas de leitura é largo e multiparadigmático. Dentre os paradigmas, destaca-se, inclusive em termos históricos, o paradigma da reprodução, fruto de pesquisas conduzidas por Pierre Bourdieu em meados do século passado. Essas pesquisas, circunstanciadas pelo conceito de capitais simbólicos e *habitus*, indicam que a prática da leitura e escrita está relacionada a contextos escolares e familiares sociais específicos e apontam para um *modus* de reprodução das desigualdades sociais via desigualdades escolares (Bourdieu; Passeron, 2012, 2018). Apresentam evidências de como o universo escolar mobiliza um capital cultural específico, quase sempre dissociado daquele que é herdado pelas classes mais baixas, por sua vez, os seus pares advindos das classes médias e altas já possuem

em seu berço familiar a transmissão desses capitais. Dentre as várias habilidades e capacidades relacionados a esses capitais distintos, a partir de uma compreensão de capital cultural ampliado (Nogueira, 2021), encontram-se a prática intensa de leitura e escrita, e o domínio da linguagem e do pensamento abstrato como um todo.

Apesar de historicamente e geograficamente situadas, essas conclusões ainda se fazem pertinentes hoje e servem para a análise em contextos outros que não o francês; implicando em reconhecer a importância dos contextos socioeconômicos e culturais em estudos que busquem explorar a prática da leitura, por conseguinte, a influência dos contextos escolares. No entanto, essa relação entre níveis socioeconômicos e práticas de leitura e escrita é amplamente questionada e tensionada; seja no âmbito das experiências escolares (Lahire, 1997), seja a partir de considerações teóricas mais gerais, que tensionam o paradigma da reprodução em sua pretensão macroexplicativa (Archer, 1983; Lahire, 2002).

A relação entre contextos socioeconômicos, contexto escolar e prática de leitura é pertinente e inegável, entretanto, é preciso avançar no refinamento dessa relação. Para além disso, é relevante complexificar essa relação com a consideração de variáveis de outro tipo de ordem social. A experiência social, sobretudo juvenil, é marcada por uma multiplicidade formativa e disposicional. Como bem aponta Lahire (2002) na sua compreensão sobre o *homem plural*, os processos de socialização variam ao longo da trajetória temporal e dos espaços sociais vivenciados pelos atores.

Para Lahire (2002, 2006), não apenas o passado incorporado dos capitais culturais herdados importa para a socialização, mas também as socializações múltiplas vivenciadas nesse passado alargado, bem como as relações e interações que se dão no presente. Ao destacar sobre as múltiplas possibilidades de interação com o universo da leitura, Lahire (2017a) argumenta sobre definição social da leitura que se processa diferente entre os atores. No contexto escolar, a leitura é vista como meio de análise e o texto escrito é visto como objeto, sempre passível de classificação. Para outros, da vida cotidiana e popular, a leitura é encarada como algo para se informar/conhecer ou para se deleitar, ter prazer. Aqui o texto deixa de ser objeto de análise e passa a ser interação e, algumas vezes, a leitura é um dispositivo e/ou motivo para sociabilidades; algo que foi percebido nesta pesquisa, ao observar jovens estruturando grupos em torno do compartilhamento de informações e trocas a partir do universo literário de um conjunto de livros.

Os apontamentos de Lahire (2017a) indicam para a possibilidade de distância entre os sentidos e práticas de leitura dentro e fora dos muros escolares. Ou seja, apropriações sociais diferentes entre atores e espaços sociais. Essas diferenças, no entanto, não impedem o desenvolvimento da leitura escolar, ou mesmo da escola ser palco para trocas e interações em torno da leitura. Como aponta Gisela Silva (2012), a literatura juvenil, inclusive pelo interesse que desperta nas crianças e adolescentes, tem grande potencial para ser utilizada como ferramenta pedagógica; ademais ser estratégica para desenvolver a condição de leitor em longo prazo.

A discussão sobre a leitura ou sua ausência no âmbito escolar remete ao sensível tema da hierarquia cultural na aquisição de bens desse tipo tão caro às discussões sociológicas. Quando analisa a produção artística, e mais ainda o seu consumo, a Sociologia, não raro, cede à tentação classificatória, portanto, normativa, dessa arte a partir de valores estéticos predeterminados e, quase sempre, associados a interesses de classes. Esse tipo de análise, popularizada por Adorno (2022) e Benjamin (1983), estabelecia a produção artística organizada em uma hierárquica tríade cultural (popular, de massa e erudita), modelo questionado em estudos mais recentes.

Umberto Eco (2014) percebeu como a tríade cultural tendia a esconder a complexidade que podia se desenvolver no âmbito da cultura de massa, anotando que tão importante quanto o processo de produção e difusão desses bens culturais, seria uma análise semiótica de tais obras, percebendo a riqueza existencial da tira *Peanuts* de Charles Schultz ou o apelo mitológico do Superman, ainda que tensionado pela natureza mercadológica em que suas histórias em quadrinhos eram (e ainda são) produzidas.

O conhecido texto de Clarke *et al.* (2014) anota que a chamada cultura das classes trabalhadoras é construída a partir de referenciais do ócio, ou seja, do tempo livre, e não “determinadas” pelo trabalho, uma categoria muito mais prestigiada pela Sociologia clássica. Aqueles autores afirmam que não somente relações sociais e as instituições que delas se desprendem são fruto da vivência do ócio, mas também os valores morais; e destacam que o trabalho e suas várias dimensões não é esquecido (ou deixa de ser influente) nos momentos de lazer, mas a complexa fruição do ócio permite um deslocamento dos interesses de classe, e, como consideram Elias e Dunning (2014), que se atêm às atividades de lazer como “válvulas de escape” que possibilitam a administração do autocontrole dos sentimentos, no fim das contas, tornam a vida social possível.

Clarke *et al.* (2014) destacam que os sentidos dos bens culturais consumidos pela classe trabalhadora sofrem um processo de absorção tal qual a *bricolage* de Lévi-Strauss, que leva à transformação desse conteúdo em uma coisa nova, similar a Michel de Certeau (2014), destacando que, independentemente dos interesses dos artistas que os produziram e das empresas capitalistas que os comercializaram, os bens culturais são significados e reelaborados pelo consumidor, criando laços de identificação.

A maneira como a produção literária juvenil chega aos estudantes das escolas médias brasileiras atenta a processos sociais mais complexos, que envolvem esquemas de produção e distribuição desses bens culturais específicos, ancorados, inclusive, em redes midiáticas amplas – como a associação entre as franquias literárias e suas transposições para o cinema de massa, por exemplo – porém, que conseguem a adesão dos jovens por motivos específicos que envolvem a capacidade deles em se relacionar com o que é exibido em tais obras³.

A existência de expressivo público leitor nas escolas médias, lendo um material que não é usado em sala de aula e é produzido, em grande parte, em países estrangeiros, num cenário em que a escolarização das gerações anteriores não era alta, traz muitas questões para a reflexão.

De posse dessas inquietações se buscou encontrar respostas e novas indagações, além de testar algumas hipóteses, sobre a relação entre estudantes do Ensino Médio e a leitura não didática, ou seja, livros que majoritariamente não são usados como material pedagógico nas escolas. Objetivou-se, neste texto, entender: (a) o perfil do jovem leitor nas escolas de Ensino Médio, (b) quais fatores relacionavam-se com hábito de leitura e (c) o tipo de literatura predominante nesse grupo de jovens.

3 Contexto da pesquisa e metodologia

A investigação foi realizada junto a jovens estudantes de 35 escolas de Ensino Médio espalhadas pelo território do estado do Ceará, com dados coletados via questionário presencial no período pré-pandêmico. A análise dos dados indica que a prática da leitura é recorrente nas escolas e encontrou-se evidências de outros modos de

³ É importante ressaltar, porém, que não necessariamente o cinema pauta a literatura, no sentido que os jovens leriam obras após estas ficarem “famosas” como filmes: no questionário era solicitado que listassem os livros que gostassem e a obra *Caixa de Pássaros*, de Josh Malerman, apareceu algumas vezes, um ano antes de ser adaptada como um filme da *Netflix*, com o título *Birdbox*.

apropriação da leitura que não aqueles necessariamente correlacionados com o mundo escolar ou capitais socioeconômicos e culturais familiares.

Foram aplicados 1.313 questionários, entre setembro de 2017 e março de 2018, de forma presencial em escolas públicas e privadas por meio de autopreenchimento orientado pelo professor regente em sala de aula. A pesquisa ocorreu por adesão mediante convites, mas houve a preocupação em espalhar territorialmente as instituições de ensino pelo estado e buscou-se garantir aleatoriedade por meio do sorteio das séries e das turmas nas quais foram realizadas. Neste processo de pesquisa respeitou-se o consentimento livre e esclarecido dos participantes e foram considerados os princípios e cuidados da ética em pesquisa.

A composição da amostra levou em consideração a quantidade de escolas e de matrículas reveladas pelo *Censo Escolar 2017* (INEP, 2019); havendo particular preocupação em abranger a diversidade da rede pública, tanto às modalidades ofertadas (regulares, profissionais ou de tempo integral) e quanto à distribuição geográfica (em zona urbana ou rural). De modo similar, buscou-se tal diversificação na rede privada, todavia, neste caso, mediada com a maior dificuldade de acesso, apesar de chegar a um número expressivo, com instituições “de bairro”, do interior do estado e das “grandes redes” educacionais da capital. Dessa forma, apesar de não termos uma amostragem aleatória do que sejam as escolas ou os jovens do Ensino Médio no estado do Ceará, pensamos que chegamos a um cenário representativo, pelo alcance e pela capilaridade, como os dados à frente irão demonstrar.

As 35 escolas estavam distribuídas em 9 municípios do estado, embora os estudantes sejam provenientes de 19 cidades, por conta de localizações limítrofes (da escola ou da residência) ou pela busca do jovem ou da família de uma escola “melhor” em territórios vizinhos⁴. Do total de entrevistados, 15,5% estudavam em instituição privada e 65,7% eram residentes na capital.

Os formulários foram preenchidos em papel, transferidos para a plataforma *Google Forms* e tabulados por meio do uso de dois *softwares*: *Microsoft Excel* (leitura simples, dados exploratórios) e *R* (análise avançada). O banco de dados foi montado e

⁴ Os municípios das escolas contempladas foram Amontada, Aquiraz, Canindé, Fortaleza, Horizonte, Morada Nova, Mulungu, Pacajus e Pacatuba; mais jovens residentes em Aratuba, Beberibe, Caridade, Cascavel, Caucaia, Chorozinho, Eusébio, Itaitinga, Maracanaú e Ocara.

discutido pela equipe de pesquisa e reconfigurado de modo que permitisse os cruzamentos desejados.

O questionário possuía 55 questões que passavam por alguns tópicos: perfil socioeconômico (incluindo dados de moradia, escolaridade, renda e consumo), uso dos espaços das escolas, sociabilidade, usos dos espaços públicos na cidade, consumo de bens culturais, usos da tecnologia e interesse em política. O formulário é o desenvolvimento de uma pesquisa de âmbito maior que transcorre desde 2014 e passou por etapas anteriores (nas quais foram usados outros recursos metodológicos, como observação *in loco*, grupos focais e entrevistas), que subsidiaram a elaboração do presente questionário e das questões por ele levantadas.

Como o *Censo Escolar 2017* (INEP, 2019) apontou 369.610 matrículas no Ensino Médio cearense, levando em consideração um nível de confiança de 0,95, produto P/Q em 0,50 e o tamanho da amostra de 1.313 casos, o erro amostral ficou em 0,027⁵. Neste trabalho são apresentados dados descritivos gerais e utilizadas medidas de associação e regressão logística, focando na análise da relação entre as variáveis explicativas com o hábito/prática de leitura⁶.

A pesquisa quantitativa aqui apresentada contou com a orientação de uma fase qualitativa anterior (Lima Filho, 2020), com investigação exploratória em duas escolas localizadas nas periferias de Fortaleza. Localizou-se informações interessantes sobre como os jovens estudantes dessas escolas públicas lidam com o capital cultural herdado de suas famílias e, ao passo que encontram grandes dificuldades em absorver o capital transmitido pela escola, acessam a outro montante de capitais aos quais não herdaram e a escola, em boa medida, ignora. Além disso, observou-se ser a prática de leitura e a existência de grupos de leitura, momentos importantes de sociabilidade, igualmente ignorados pela escola.

4 Perfil descritivo geral

⁵ É importante considerar que tão relevante quanto o tamanho da amostra é o seu desenho, garantindo aleatoriedade e heterogeneidade. Uma vez não cumpridos completamente esses pressupostos, cabe ressaltar os resultados.

⁶ Para quantificar a força da relação entre as variáveis foram utilizados o Coeficiente de Contingência (nominais) e a Correlação de Spearman (ordinais) como medidas de associação. A regressão logística multivariada utilizou como variável resposta o hábito/prática da leitura (Não=0 e Sim=1).

O perfil alcançado aponta para semelhanças com o perfil geral dos estudantes de Ensino Médio do Ceará, sobretudo os da rede pública, o que indica uma representatividade importante para as análises aqui buscadas.

Primeiramente, não há aguda distorção idade-série na amostra, com percentual válido de 65,9% para aqueles na faixa etária entre 16 e 18 anos e apenas 11,3% com mais de 19 anos. A distribuição por gênero se deu com 53,8% declarando-se do sexo feminino, o que está calibrado com os dados de referência do *Censo 2010* para o estado do Ceará (IPECE, 2007). Quanto à distribuição cor/raça, 58% se declararam pardos, enquanto 24,3% brancos, 14,2% pretos, 2,6% indígenas e 0,8% amarelos.

Quanto ao aspecto escolar propriamente dito, a distribuição dos estudantes por série foi a seguinte: 51% no 1º ano, 27,2% no 2º ano e 21,8% no 3º ano; e a divisão por turnos se deu desta forma: 38,4% no turno matutino, 38% no integral, 14,7% no vespertino e 8,9% no noturno⁷. A maioria, 84,5%, estava em escolas públicas, mas quando perguntava-se qual a modalidade de sua escola anterior (em grande medida àquela do Ensino Fundamental), o índice de instituições privadas subia um pouco para 35,5%.

Em termos socioeconômicos, a maioria dos estudantes tinha mães com baixa escolaridade: embora 25,8% tivessem o Ensino Médio completo, 35,9% possuíam o Ensino Fundamental incompleto; ao passo que 37,1% declaravam renda familiar mensal entre 1 e 2 salários-mínimos; e somente 3,8% com mais de 10 salários-mínimos.

Com base nas informações do questionário sobre bens e consumo e considerando a escolaridade da mãe como pessoa de referência, foi construído um Indicador de Nível Socioeconômico (NSE)⁸; posicionando 24,2% dos jovens nas classes D/E; 38,8% na C; 31,1% na B e apenas 5,9% na A

Esse perfil geral do jovem ajuda a compreender quem é o sujeito que está sentado nos bancos escolares. Obviamente, uma investigação dessa natureza lida com públicos bem distintos, pois abrange tanto estudantes de uma famosa escola privada de classe alta da capital quanto o anexo de uma instituição pública localizado em um distrito distante da sede do município no interior, por exemplo. Apesar disso, a amostra

⁷ O número expressivo no turno integral se dá porque o estado do Ceará investiu bastante na ampliação de sua rede neste turno, possuindo, no ano base de 2018, 122 escolas profissionais que o utilizam e outras 155 escolas em tempo integral, totalizando 277 instituições nessa categoria (Ceará, 2018).

⁸ Adaptação do Sistema de Pontos da ABEP, versão 2016 (ABEP, 2016).

apresenta resultados próximos àqueles encontrados na população de referência da pesquisa.

5 Jovens leitores na escola

Quantos são os jovens que leem livros não didáticos nas escolas cearenses? O primeiro passo da investigação era quantificar as práticas dos leitores presentes nas escolas de Ensino Médio. Como forma de qualificar tal resposta buscou-se não somente o questionamento direto, mas recodificações e a construção de indicadores exploratórios.

Dessa forma, foi perguntado aos jovens sobre o que gostavam de fazer em seu tempo livre (*questão 34*), oferecendo 19 opções, dentre as quais “ler livros”, e 28% dos respondentes apontaram essa opção, número *a priori* considerado alto em virtude dos percentuais de hábitos de leitura no Brasil (Failla, 2016) e ao observar o perfil socioeconômico da amostra.

Para qualificar tal resultado, foram consideradas outras questões que confirmavam ou reforçavam àquela, como uma pergunta sobre o que gostavam de fazer nos intervalos das aulas na escola (*questão 27*), na qual, dentre as 15 opções disponíveis, havia “ler livros”. Ademais, outra pergunta sobre se caso gostasse de ler livros, enumerasse os favoritos (*questão 36*). A partir do conjunto dessas respostas, foi construída uma variável dicotômica (D1) com as categorias *não leitor* e *leitor*, na qual este último agregava os respondentes de “ler livros” das *questões 27 e 34* e que indicasse ao menos um livro na *questão 36*, cujo número chegou a 29,3% da amostra, conforme a Tabela 01.

Adicionalmente, foi construída outra variável dicotômica (D2) colocando os leitores em dois níveis. Para esta, buscou-se ir para além da afirmação direta de prática de leitura, tentando captar algo da “cultura da leitura” que perpassa aqueles que gostam de ler. Por isso, agregou-se à prática de leitura a frequência a bibliotecas ou à Bial do Livro, assim como o reforço de outras leituras não curriculares, no caso, histórias em quadrinhos (HQs) e *mangás* japoneses. As respostas organizaram-se a partir de perguntas sobre que espaços gostavam de frequentar no tempo livre, entre 17 opções – como *shoppings centers*, cinemas, igrejas, praias, bares, *shows* etc. –, havia a opção

bibliotecas; sobre que eventos gostavam de frequentar e, entre 18 opções – como jogos de futebol em estádios, festivais de música, eventos religiosos etc. –, estava a Bienal do Livro; e ainda sobre espaços da escola que mais gostavam de frequentar e, entre 11 opções, estava a biblioteca; e da já citada questão sobre o que gostavam de fazer em seu tempo livre, agora, com as opções HQs e *mangás* agregadas.

Essa nova variável dicotômica (D2) apresenta as categorias em leitor nível 1, na qual agregava-se as mesmas respostas que caracterizavam a categoria *leitor* na D1. E a categoria que representa um leitor mais avançado ou com práticas mais intensas de leitura, leitor nível 2, na qual se computava o nível 1 mais as respostas frequência à Bienal do Livro, frequência geral à biblioteca, frequência à biblioteca da escola e hábito adicional de ler HQs/*mangás*. Observa-se os resultados conforme Tabela 01.

Tabela 01: Classificação por prática de leitura, percentual válido

Dicotômica (D1)	
Não leitor	70,7
Leitor	29,3
<i>Total</i>	<i>100</i>
Em níveis (D2)	
Leitor nível 1	44,4
Leitor nível 2	55,6
<i>Total</i>	<i>100</i>

Fonte: Elaboração dos autores a partir dos dados dos questionários aplicados.

Tal recodificação revelou que 44,4% do público leitor era de leitores nível 1 e 55,6% era de nível 2. Isso significa dizer que, dentre os leitores em geral, a maioria estava mais fortemente inserida dentro de um universo da leitura que não se resume a apenas ler livros, mas a acessar à cultura relacionada à prática, como frequentar bibliotecas ou ter a Bienal do Livro como uma agenda importante no calendário local.

De posse desse extrato de leitores, foi possível avaliar quais variáveis e/ou características estavam mais relacionadas aos leitores e em seus níveis. Partimos da verificação das variáveis mais associadas ao acúmulo de capital cultural, como a escolaridade da mãe, renda familiar, ser egresso de escola pública ou não, dentre outras.

Surpreendeu de início que algumas dessas hipóteses não foram confirmadas pelas respostas disponíveis. Foi realizado um conjunto de cruzamentos simples que não apresentaram relação estatisticamente significativa, além de apresentar baixo valor associativo; dentre as quais, entre a variável dicotômica das categorias *não leitores* e *leitores* com escolaridade da mãe, raça/cor, renda familiar e ano escolar, conforme apresentado na Tabela 02.

Tabela 02: Valor de p e associação entre variáveis e hábito/prática de leitura

Cruzamento	P	Associação
Não leitor/leitor <i>por</i> Sexo	0.00	0.19
Não leitor/leitor <i>por</i> Interesse em política	0.00	0.17
Não leitor/leitor <i>por</i> Tipo de música	0.00	0.17
Não leitor/leitor <i>por</i> Tipo da escola anterior	0.00	0.11
Não leitor/leitor <i>por</i> Turno	0.00	0.11
Não leitor/leitor <i>por</i> Matéria (Humanas/Outras)	0.00	0.09
Não leitor/leitor <i>por</i> Cidade (RMF/Outras)	0.01	0.08
Não leitor/leitor <i>por</i> Cidade (Fortaleza/Outras)	0.01	0.01
Não leitor/leitor <i>por</i> Tipo de escola atual	0.02	0.07
Não leitor/leitor <i>por</i> Religião	0.02	0.07
Não leitor/leitor <i>por</i> Opinião sobre o voto	0.03	0.08
Não leitor/leitor <i>por</i> Raça/cor	0.06	0.05
Não leitor/leitor <i>por</i> Escolaridade da mãe	0.10	0.07
Não leitor/leitor <i>por</i> Renda	0.22	0.07
Não leitor/leitor <i>por</i> Ano escolar	0.74	0.02

Fonte: Elaboração dos autores a partir dos dados dos questionários aplicados.

Quanto à raça/cor, os leitores corresponderam a 33,6% entre os brancos e 27,9% entre os pretos e pardos, porém, embora exista a diferença percentual, ela não é considerada estatisticamente significativa; do mesmo modo que não o foi a diferença por renda familiar: os leitores correspondiam a 26,5% daqueles que declararam renda inferior a um salário-mínimo e 27,7% dos com mais de 5 salários; enquanto o maior índice foi na faixa dos entre mais de 2 a 5 salários, com 34,3%.

Na variável escolaridade da mãe, quando agregamos as respostas por níveis de formação, a taxa dos leitores com mães sem escolarização foi de 26,8%, no estrato do Ensino Fundamental foi 27,3%, no Ensino Médio foi 31,2% e no Ensino Superior foi 36,8%.

Existem outras variáveis as quais a relação estatística apresentou-se significativa, embora com baixo valor associativo, em particular, o tipo de escola, o turno estudado, gênero e religião, conforme Tabela 02.

Foi percebido, em primeiro lugar, que estudar em uma escola privada era um fator que, aparentemente, é influenciador da leitura. Nas instituições particulares a média de leitores foi de 36,5% enquanto nas públicas foi de 27,9%. Resultado muito similar quando se pensa a escola anterior do estudante (já que neste caso há um pequeno acréscimo no universo de escolas privadas): os leitores foram 36,6% entre aqueles cuja escola anterior fora privada e 25,7% entre os da pública.

Enquanto não foi percebida uma variação importante quanto à série estudada, as diferenças apareceram quanto ao turno, na qual os leitores se distribuem de modo desigual: 32,9% para os do tempo integral; 30,5% no matutino; 25,5% no vespertino; e 14,2% no noturno. Isso indica que passar mais tempo na escola tem um efeito positivo na leitura, apesar das leituras destacas pelos próprios jovens não estarem, em sua maioria, associadas diretamente ao currículo escolar. Por outro lado, os dados expressam que a diferenciação dos turnos também gera resultados, com índices decrescentes na medida em que se considera os horários de estudo da manhã para a noite.

A diferença também foi significativa no caso da distribuição por gênero: na amostra, 19,5% do sexo masculino era leitor; enquanto no sexo feminino era 37,5%, o que dá um indicativo da relação entre hábito de leitura e gênero. A classificação em níveis de leitores reforça a impressão, com 67% dos leitores nível 2 sendo do sexo feminino.

O aspecto religioso é outro que parece influenciar os hábitos de leitura, de novo, confirmando hipóteses de investigações anteriores, com amostras menores. Optamos por considerar a crença religiosa por uma classificação mais diversificada do que a adotada pelo IBGE, pois percebemos uma grande quantidade de jovens que manifestava ter crenças gerais, mas não se afiliar a nenhum grupo religioso formal, o que na investigação atual correspondeu a 19,9% da amostra, a terceira resposta mais

preenchida. Ademais, confirmando (não exatamente em termos numéricos) o indicativo do *Censo*, a maioria se declarou católica, com 45%, seguidos pelo bloco agregado de protestantes, evangélicos e outras igrejas cristãs, com 29,1%. Não deixa de impressionar que o número de ateus (2,1%) ainda é maior do que o de espíritas (1,2%) ou de religiões de matrizes africanas (0,5%). Houve uma pequena pulverização em denominações específicas na opção “outros”, com 2,3%.

Agrupando a crença numa variável dicotômica entre religiosos e não religiosos (o que inclui os ateus e os que responderam à opção de não pertencimento a grupo religioso apesar de alguma crença), temos que os leitores são 27,7% dos religiosos e 35,5% dos não religiosos; o que aponta que a não crença, ou pelo menos a não filiação, é algo que se relaciona positivamente com o hábito de leitura. Entre os leitores religiosos, 53,3% estão no *nível 2* e entre os leitores não religiosos, 65,3%.

Passamos então ao terceiro grupo de variáveis na dicotomia não leitor e leitor. Este grupo foi construído a partir das hipóteses levantadas na etapa anterior da pesquisa e em trabalhos pretéritos dos autores e dizem respeito às disciplinas favoritas dos jovens na escola, gosto musical, interesse em política e local de moradia.

De imediato, nos questionamos se ser morador da capital seria uma influência positiva para se tornar um leitor. Quando agrupamos os leitores numa variável dicotômica entre Fortaleza e as outras cidades, a relação é estatisticamente significativa: 31,6% na capital e 24,8% nas demais. Por isso, criamos outra dicotomia, agregando Fortaleza e as cidades conurbadas de sua Região Metropolitana contra as demais. Nesta configuração, os leitores são 31,5% dos moradores da capital e cidades vizinhas; e 23,4% nas demais, o que indica que estar no primeiro grupo influencia o hábito da leitura mais do que aos que vivem no interior.

Investigações prévias dos autores sugerem a associação entre a adesão às práticas culturais baseadas na música estrangeira, especialmente, ao rock, e o campo da cultura *geek* tão cara às HQs. A presente pesquisa procurou, então, verificar a hipótese de vinculação entre os dois consumos.

O questionário, como já anunciado, perguntava o que o jovem gostava de fazer no tempo livre (*questão 34*) e “ouvir música” foi a opção mais respondida, representando 84,9%. Outra pergunta questionava explicitamente qual o tipo de música se gostava de ouvir, classificados por 14 gêneros musicais indicados a partir das respostas das etapas anteriores da pesquisa. Sem grandes surpresas, em vista do cenário

de consumo musical no Brasil, funk e sertanejo apareceram em primeiro lugar, empatados, com 51,3% e 51,2%, respectivamente; embora tenha sido algo surpreendente o forró (gênero musical “típico” do Ceará) vir apenas em terceiro lugar, com 48,9%. O rock, por exemplo, aparece em 9º lugar, com 30%.

Construiu-se uma variável dicotômica entre gostar de música estrangeira e outros gêneros, nas quais a primeira era formada por aqueles que tenham escolhido pelo menos uma das opções entre rock, heavy metal, pop e música eletrônica que estavam disponíveis no formulário. Entre os que gostavam de música estrangeira, os leitores eram 35,7%, e entre os que não gostavam, 19,3%. Recortando especificamente os leitores, 79,3% gostavam de música estrangeira. Apesar de um baixo valor associativo, a relação é estatisticamente significativa, indicando que o gosto musical está relacionado com o hábito de leitura, em algum nível.

Relação similar se deu com o interesse em política. Questionava-se se o jovem tinha interesse em política numa escala de quatro níveis: não é interessado (0), pouco interessado (1), interessado (2) e muito interessado (3); e as respostas demonstram que a proporção de leitores salta quase 10 pontos percentuais em cada nível, passando de 20,9% para 26,5% e seguindo, 37,5% e 47,4%, respectivamente.

À exceção da opção “não é interessado”, também houve crescimento quando se confronta o interesse por política ao nível de leitura. Seguindo a escala de interesse de 0 a 3, o nível 2 de leitores correspondeu, respectivamente, a 56%, 53%, 54,5% e 63%; saltando quase 10 pontos percentuais em relação ao grau anterior na combinação de muito interessado em política e leitor mais relacionado à cultura da leitura.

Com a ressalva de que os questionários foram aplicados bem antes do período eleitoral de 2018, quando a polarização política no Brasil atingiu considerável força. O formulário avaliava uma série de questões (voto, democracia, eleições), e mensurava a confiabilidade em instituições como família ou religião. Nesse quadro, percebeu-se uma vinculação entre o hábito da leitura e o grau de importância conferido ao voto.

Também se perguntou para o jovem qual sentença concordava mais entre três opções relacionadas à percepção sobre o voto: a) meu voto não é importante porque um voto não faz diferença; b) meu voto é importante porque um voto faz diferença; c) meu voto é importante porque votar é uma obrigação. Na relação dessa escolha com o fato de ser ou não leitor, os leitores responderam 23,3% na a); 24% na c); e 31,5% na b). Apesar de quantitativamente a associação ser baixa, a opinião sobre o voto parece estar

relacionada ao hábito de leitura, sobretudo, entre os que acham “importante e faz diferença” e os que “não acham importante”.

Outro grupo de questões associadas às anteriores dizia respeito à vinculação com as disciplinas de Ciências Humanas. Dito de outro modo: gostar das matérias de Humanas na escola guarda alguma relação com o gosto pela cultura? Os que preferem disciplinas daquele tipo leem mais que aqueles cujas preferências estão associadas em matérias como Matemática, por exemplo?

O modo mais eficiente de verificar foi por variáveis dicotômicas, então, consideramos a classificação entre Humanas (História, Geografia, Sociologia, Filosofia, Artes) e outras, na qual os leitores foram 34,5% e 25,7%, respectivamente. Como medida comparativa, quando se classificam as disciplinas de Linguagem (Português, Inglês, Espanhol) e outras, a variação foi de 28,6% e 29,7% entre leitores e não leitores, respectivamente. A partir do cruzamento com a variável não leitor, “preferir disciplinas de Humanas” foi estatisticamente significativa, mas com baixo valor associativo, enquanto a relação com a Linguagem não é estatisticamente relevante e com um percentual até menor dos que preferem outras disciplinas.

Na tentativa de elaborar uma análise multivariada foi construído um modelo com regressão logística. Observou-se, pelos dados e cruzamentos já citados, que as tradicionais variáveis sobre capital econômico e cultural, dos contextos familiar e escolar, não apresentaram relação importante com o hábito de leitura. As variáveis sexo, gênero musical favorito, interesse em política e matéria escolar apresentaram melhor relação.

Foram testados vários modelos e chegamos a um modelo ajustado, levando em consideração sua capacidade explicativa e menor multicolinearidade entre as variáveis. Utilizou-se de proxys de Coeficiente de Determinação Múltipla para avaliar a pertinência afirmativa do modelo e do Fator de Inflação da Variância como medida de qualidade, conforme possibilidade apresentada em Agresti e Finlay (2012). A Tabela 03 apresenta os resultados do modelo.

Tabela 03: Regressão logística multivariada, modelo ajustado

Variável	Odds ratio	P
----------	------------	---

Sexo (masculino)	0.34	0.00
Cor (Não brancos)	0.85	0.38
Escolaridade da mãe (Média)	0.91	0.62
Escolaridade da mãe (Alta)	1.02	0.93
Renda (1 a 2 SM)	1.17	0.43
Renda (+2 a 5 SM)	1.15	0.55
Renda (+5 SM)	0.78	0.48
Escola (Pública)	0.77	0.29
Música (Estrangeira)	1.99	0.00
Interesse em política (Interessado)	1.94	0.00
Interesse em política (Muito interessado)	2.41	0.00
Opinião sobre o voto (Obrigação)	1.00	0.90
Opinião sobre o voto (Faz diferença)	1.34	0.10
Matéria escolar (Humanas)	1.47	0.01

Proxy do coeficiente de determinação múltipla (R^2):

Índice de Cox e Snell: 0.11

Índice de Nagelkerke: 0.15

R^2 de McFadden: 0.09

Nota: Bases – Sexo (feminino), Cor (Branco), Escolaridade da mãe (Baixa), Renda (Até 1 SM), Escola (Privada), Música (Não estrangeira), Interesse em política (Não/Pouco interessado), Matéria escolar (Outras não Humanas), Opinião sobre o voto (Não faz diferença).

Fonte: Elaboração dos autores a partir dos dados dos questionários aplicados.

Conforme indicado e a partir do controle de variáveis socioeconômicas, as variáveis estatisticamente significativas foram sexo, tipo de música, interesse em política, opinião sobre o voto e disciplina escolar. Conforme os resultados, (I) jovens do sexo masculino têm em média 66% menos chances de serem leitores do que jovens do sexo feminino; (II) aqueles que apreciam música estrangeira têm em média 99% mais chances de serem leitores que os que não apreciam música estrangeira; (III) “interessados” em política têm em média 94% mais chances de serem leitores que os “não/pouco interessados” em política; (IV) “muito interessados” em política têm em média 141% mais chances de serem leitores; (V) os que consideram que “o voto é importante porque faz a diferença” têm em média 34% mais de chance de serem leitores

do que os que consideram que “o voto não faz diferença”; e (VI) os que preferem ao menos uma disciplina da área de Humanas apresentam em média 47% mais chances de serem leitores.

Tanto os dados das medidas de associação quanto o resultado da regressão logística apontam que os jovens leitores dessa amostra possuem mais proximidades com outras práticas e consumos culturais, que não as necessariamente conectadas com o universo escolar. Destaca-se, em especial, a fraca relação entre gostar de matérias da área de Linguagem e a prática de leitura. A análise assumida aqui é a de que existem modos diferentes de apropriação da leitura entre os jovens e aquele do universo escolar, que foca na análise e do texto como objeto.

[...] a descoberta de grandes leitores ou de amantes da leitura entre os alunos que possuem fracas competências em língua francesa e, inversamente, pessoas que leem pouco e pouco interessadas pela cultura livresca entre alunos bastante competentes na escola permite dissociar competência de apetência. Se a competência cultural é frequentemente uma condição favorável à apropriação de uma prática assídua e apaixonada da leitura, elas não bastam para criar o grande leitor ou o leitor inflamado (Lahire, 2017b, p. 47).

Lahire faz a diferença entre competência, seja adquirida ou herdada culturalmente, e apetência. Essa possibilidade revela que práticas e gostos culturais não estão necessariamente atreladas aos capitais socioeconômicos e culturais ou a habilidades desenvolvidas nos contextos familiares e escolares. Essa possibilidade é construída pela multiplicidade formativa dos gostos, práticas, vontades que se inserem na complexa e dinâmica formação socializadora.

Ser leitor no contexto da escola brasileira pode ter um efeito diferenciado, embora ainda em sentido especulativo. Quando pensamos nos jovens leitores dispersos na escola de Ensino Médio, vem à tona as implicações que o hábito da leitura traz às suas vidas, à carreira escolar, à aquisição de capital cultural. Existe uma associação entre leitura e sucesso escolar. Lahire (2017a, p. 141) remete a uma pesquisa na França na qual

percebemos sem surpresas que se lê mais na medida em que ascendemos nas profissões cuja posição é mais dependente do capital escolar. [...] Quanto mais ascendemos na hierarquia dos diplomas, mais temos a chance de encontrar leitores muito fortes, pessoas que trocam livros, que frequentemente os compram, que vão à biblioteca pelo menos uma vez ao mês e leem livros que têm relação com o trabalho. Não é surpreendente, [...]

que as práticas de leitura estejam diretamente correlacionadas com o capital escolar.

Sugere-se, portanto, relação próxima entre a aquisição de capital cultural e a leitura de livros, e o autor faz considerações sobre os tipos de livros que são lidos, quem é seu público e o que isso significa. O autor chama à atenção o fato de que não se escolhe um livro aleatoriamente, mas a chegada de um potencial leitor até o objeto em si é fruto de um processo de escolha, ainda que condicionado por questões objetivas.

Lahire (2017a) constrói a classificação de leitores a partir da finalidade da leitura, sendo o nível mais baixo uma literatura pragmática pautada em revistas especializadas que ensinam coisas específicas (jardinagem, decoração de casas, instalações elétricas...) e que, com o diferencial da literatura científica (que não é de alcance do público pesquisado pelo autor – membros da classe operária a partir de 25 anos), parece atingir seu ápice no romance, que associa à experiência cotidiana a experiência livresca.

Embora o fator “renda” impacte para a aquisição do hábito da leitura na amostra pesquisada, ainda assim, identificamos a presença de leitores entre 26,5% dos jovens que declararam viver em famílias com renda média mensal de até 1 salário-mínimo. De modo complementar, apesar do fato de estudar em escolas privadas ser positivo para a leitura, 27,9% dos jovens de escolas públicas eram leitores. Tais índices podem ser considerados expressivos dentro da já citada contextualidade brasileira e indicam a aquisição de capital cultural não herdado, em parte pela presença maciça de autores estrangeiros, anglo-saxões e japoneses, no caso dos *mangás*⁹.

Ademais, os dados indicam um tipo de leitura que ultrapassa o pragmático e o cotidiano, ou seja, um modo de apropriação mais elaborado, não menos importante por não estar conectado com o modo escolar de apropriação, somada à característica já ressaltada de que, quando leem, os jovens da amostra tendem a ser mais envolvidos com o que estamos chamando de cultura da leitura, ou seja, um conjunto bem específico de capitais culturais relacionados ao hábito de ler.

Os gêneros literários destacados em maior quantidade na amostra – “romances água com açúcar”, tal como classificado por Lahire (2017a), e fantasia – também estão essencialmente relacionados a uma cultura globalizada, que embora esteja

⁹ Entre os autores mais citados pelos interlocutores estavam John Green, J.K Rowling, Kiera Cass, Antoine de Saint-Exupéry, E.L. James, Markus Zusak e Jojo Moyes.

“centralizada” em termos de produção (em países do capitalismo central), são disseminados mundialmente via consumo e conectam jovens compartilhando as mesmas histórias e o universo simbólico que se desenvolve ao redor delas. Esse caráter cosmopolita, sem dúvidas, diferencia o consumo cultural desses leitores da escola média de seus pais com baixa escolaridade, criando um tipo de oposição entre os capitais culturais herdados e adquiridos.

A estes jovens estão inalcançáveis, pelo menos por enquanto (em vista de que estavam no Ensino Médio no momento da pesquisa), as preocupações de Brunkhorst (2011) ou de Beck (2008, 2010) sobre a natureza do cosmopolitismo, contudo, há de se refletir sobre algumas de suas implicações. Ainda que Beck, em particular, esteja preocupado com a implicação de seu conceito de sociedade de risco, afetada pelos riscos da conectividade via globalização, o que inclui pandemias (Beck, 2010), também percebe a potencialidade dessa conectividade por seu poder transformador e, sem negar os elementos negativos, gostaríamos de refletir sobre as trocas reais e simbólicas estabelecidas entre o nativo e o estrangeiro, na qual este não é mais um outro distante, mas inclusivo (Beck, 2010). Esses jovens estão em contato com culturas, signos, narrativas e dilemas (ficcionais) distantes de sua realidade objetiva.

Esses capitais culturais outros advêm do consumo de bens culturais que acessam por meio da internet e suas tecnologias. A despeito das dificuldades com o acesso à rede por jovens de renda muito baixa, ainda assim, consomem de modo maciço e cotidianamente um universo de códigos culturais que seus pais com baixa escolaridade jamais sonharam: séries da TV estadunidenses, músicas de rock, filmes adaptando super-heróis dos Estados Unidos, livros sobre magia escritos por autores britânicos ou sobre vampiros ou com adaptações juvenis das mitologias antigas.

6 Considerações finais

Nossa pesquisa se debruçou em analisar os jovens estudantes do Ensino Médio de parte do estado do Ceará e permitiu mapear pelo menos dois níveis de leitores, percebendo que o que chamamos de cultura da leitura é realmente um fator diferenciado: frequentar bibliotecas, associar outros tipos de leituras (histórias em quadrinhos e *mangás*) etc. Esses leitores estão rompendo o ciclo de defasagem educacional e não tradição livresca que marcam o Brasil e ingressando em uma nova

condição, ainda que não possamos pensar o “simples” ato de ler como algo salvacionista.

Em termos empíricos, a preocupação foi entender quais fatores estão associados ao hábito da leitura dos jovens através de medidas de associação e regressão logística multivariada. O conjunto de variáveis do modelo chegou a alcançar 0,15 de R^2 , resultado relevante para um estudo no campo das Ciências Sociais, visto a complexidade das relações deste campo, aqui em específico, relacionado ao hábito/prática de leitura.

Esses resultados indicam que o hábito de leitura entre jovens do Ensino Médio cearense está relacionado com hábitos e interesses do mundo da cultura e política em geral, e não necessariamente como um resultado das condições socioeconômicas. Verificou-se que indicadores como renda, escolaridade da mãe e raça impactaram menos na construção dos hábitos de leitura do que outros como interesse em política, apreço por música estrangeira, afiliação religiosa, ou ser do sexo feminino.

Ainda que aspectos estruturais tenham seu efeito na leitura, como estudar em escolas privadas ou no âmbito da Região Metropolitana de Fortaleza, os dados sugerem que a aquisição de outros capitais culturais que parecem exógenos à realidade imediata do jovem ou fora do alcance escolar, como gostar de política e de música estrangeira, também estão bastante associados ao hábito de leitura. Em particular este último parece se associar à ideia de aquisição de uma cultura cosmopolita expressa também na preferência por obras de autores estrangeiros e do teor considerável de fantasia em boa parte dos livros favoritos.

Pensando no aspecto das disposições de Lahire (2004), parece haver uma classe de jovens dispostos a adquirir capitais culturais exógenos, gerando consumos que se retroalimentam, como gostar de música estrangeira e ler livros ou HQs. Os dados apontam que tal disposição parece associada também à preferência por disciplinas de Humanas, o que faz algum sentido, pois estas permitem justamente um tipo de conectividade com a realidade humana global que poderíamos chamar de “cultural”. O fato de o sexo feminino ser ainda mais disposto a tal aquisição é algo interessante e digno de ser investigado em pesquisas futuras.

A literatura acessada pelos jovens da amostra não é utilizada no contexto escolar, mas se desenvolve à parte dele, como fruto de uma busca individualizada do sujeito ou produto dos sistemas de trocas (físicas e virtuais) entre os jovens, não

mediadas pela escola. Isto aponta que o sistema educacional está desperdiçando um grande potencial em relação à disposição de parte significativa dos estudantes para a leitura.

Não deve ser esquecido, contudo, que a pesquisa de Leiva e Meireles (2018) sugere uma vinculação intrínseca entre o hábito da leitura e a idade escolar (incluindo a universitária), de modo que tal prática diminui na medida em que avança a faixa etária, o que pode estar associado tanto ao fim dos estudos quanto ao fato de as gerações anteriores terem ainda menos hábitos de leitura do que as atuais.

Ao não se atentar ao potencial pedagógico da literatura juvenil, inclusive da popular fantasia (Silva, 2012), e ignorando, portanto, a riqueza analítica dessa literatura considerada de massa (Eco, 2014), a escola desperdiça uma ótima porta de entrada à leitura e ao seu (pretense) refinamento.

Por fim, é preciso anotar que os resultados aqui descritos devem ser encarados como indicativos de estudo, anunciando a necessidade de uma agenda de pesquisa sobre hábitos de leitura entre jovens, sobretudo, no contexto brasileiro. Isso inclui explorar novas estratégias amostrais, bem como refletir sobre possíveis outras variáveis relacionadas, e que inclusive podem estar indiretamente relacionadas às configurações e contextos socioeconômicos e culturais não rastreados pelas perguntas deste questionário.

REFERÊNCIAS

ABEP. **Critério Brasil 2015 e atualização da distribuição de classes para 2016**. São Paulo: ABEP, 2016.

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. 2. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2022.

AGRESTI, Alan; FINLAY, Barbara. **Métodos estatísticos para as ciências sociais**. 4. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

ARCHER, Margaret Scotford. **Process without system**. *European Journal of Sociology*, v. 24, n. 1, p. 196-221, 1983.

BECK, Ulrich. “Momento cosmopolita” da sociedade de risco. **ComCiência**, n. 104, 2008.

BECK, Ulrich. Kiss the frog: the cosmopolitan turn in Sociology. **Global Dialogue: Magazine of the International Sociological Association**, v. 1, n. 2, 2010.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2018.

BRUNKHORST, Hauke. Alguns problemas conceituais e estruturais do cosmopolitismo global. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n. 76, p. 7-38, 2011.

CEARÁ. **Educação profissional**: conheça o trabalho, a estrutura e os resultados das Escolas Estaduais de Educação Profissional do Ceará. Fortaleza: SEDUC, 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: as artes de fazer. v. 1. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CLARKE, John; HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony; POWELL, Rachel; ROBERTS, Brian. Estilo. In: CLARKE, John; HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (ed.). **Rituales de resistencia**. Subculturas juveniles en la Gran Bretaña de Posguerra. Madrid: Traficantes de Sueños, 2014. p. 77-90.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 5. ed. Barcelona: Debolsillo, 2014.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. 3. ed. Ciudad de Mexico: FCE, 2014.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da Leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

INEP. **Censo Escolar 2017**: divulgação de resultados. Brasília: INEP, 2019.

IPECE. **Ceará em mapas**: demografia. Fortaleza: Ipece, 2007. Disponível em: [http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo2/22.htm#:~:text=e%2048%2C74%25%20o%20percentual,\(4.120.088%20hab.\)&text=A%20raz%20de%20sexo%20que,100%20mulheres%20na%20popula%20cearense.](http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo2/22.htm#:~:text=e%2048%2C74%25%20o%20percentual,(4.120.088%20hab.)&text=A%20raz%20de%20sexo%20que,100%20mulheres%20na%20popula%20cearense.) Acesso em: 05 mar. 2025.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural**: os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LAHIRE, Bernard. Leituras populares: modos de apropriação de texto. In: VISSER, Ricardo; JUNQUEIRA, Lília (ed.). **Dossiê Bernard Lahire**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017a. p. 137-156.

LAHIRE, Bernard. Patrimônios de disposições: para uma sociologia em escala individual. In: VISSER, Ricardo; JUNQUEIRA, Lília (ed.). **Dossiê Bernard Lahire**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017b. p. 31-76.

LEIVA, João; MEIRELES, Ricardo. **Cultura nas Capitais: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte**. São Paulo: 12street; JLeiva Cultura e Esporte, 2018.

LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. **Revista de Ciências Sociais**, n. 45, v. 1, p. 103-118. 2014.

LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. Culturas juvenis no ensino médio: bens culturais e trocas simbólicas em agrupamentos identitários. In.: GONÇALVES, Danyelle Nilin; LIMA FILHO, Irapuan Peixoto (ed.). **Escola e universidade: encontros entre sociologia e educação**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020. p. 122-151.

NOGUEIRA, Maria Alice. O capital cultural e a produção das desigualdades escolares contemporâneas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 51, e07468, p. 1-13, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053147468>. Acesso em: 05 mar. 2025.

SILVA, Gisela. **O best-seller na revalorização de sentidos: “Harry Potter” e o tema da criança imaginal**. Cadernos CEDES, v. 32, n. 86, p. 31-44, 2012.